

NOTAS CRÍTICAS SOBRE ALGUNS CONCEITOS DE MARXISMO NO SÉCULO XX

CRITICAL NOTES ABOUT SOME CONCEPTS OF MARXISM IN THE TWENTIETH CENTURY

Pedro Leão da Costa Neto*

RESUMO

Os conceitos de “marxismo soviético” e “marxismo oriental”, como, também, o conceito especular de “marxismo ocidental”, desempenharam um importante papel nas diferentes discussões teóricas e tentativas de reconstrução e avaliação histórica da tradição marxista do século XX. O objetivo do nosso artigo é procurar mostrar, nos centrando em alguns momentos importantes, como a história do surgimento e a sucessiva difusão destes conceitos estão indissociavelmente ligados aos diferentes embates teóricos ocorridos em torno da tradição marxista e que a utilização destes conceitos, de forma acrítica e generalizada, levaram a exclusão da possibilidade de uma crítica sistematizada de grande parte da experiência filosófica marxista do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Marxismo Soviético; Marxismo Oriental; Marxismo Ocidental; Socialismo Real; Filosofia na Europa Oriental

ABSTRACT

The concepts of "Soviet Marxism" and "Eastern Marxism", as well as the concept of specular "Western Marxism", played an important role in the different theoretical discussions and reconstruction efforts of the Marxist tradition of the twentieth century. The aim of our paper is to show how the history of the rise and the subsequent dissemination of these concepts are inextricably linked to different theoretical debates occurred around the Marxist tradition. Moreover we show that the use of these concepts, uncritically and widespread, led to the exclusion of the possibility of a systematic critique of much of the Marxist philosophical experience of the twentieth century.

KEYWORD: Soviet Marxism; Eastern Marxism; Western Marxism; Real Socialism; Philosophy in Eastern Europe

* Doutor em Filosofia pela Universidade de Varsóvia, Polônia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Tuiuti, Paraná (PPGED-UTP).E-mail: zhores@terra.com.br

Podemos afirmar que os conceitos de “marxismo soviético” e “marxismo oriental”, como, também, o conceito especular de “marxismo ocidental”, desempenharam um importante papel nas diferentes discussões teóricas e tentativas de reconstrução e avaliação histórica da tradição marxista do século XX. O objetivo do nosso artigo é procurar mostrar, nos centrando em alguns momentos importantes, como a história do surgimento e a sucessiva difusão destes conceitos estão indissociavelmente ligados aos diferentes embates teóricos ocorridos em torno da tradição marxista e que a utilização destes conceitos, de forma acrítica e generalizada, levaram a exclusão da possibilidade de uma crítica sistematizada de grande parte da experiência filosófica marxista do século XX.

As próprias origens dos conceitos “marxismo soviético” e “marxismo ocidental” recuam aos anos sucessivos a vitória da Revolução Russa. Eles surgiram nos debates filosóficos que se seguiram ao aparecimento, no início da década de 1920, das obras de György Lukács *História e Consciência de Classe* (LUKÁCS, 2003) e Karl Korsch *Marxismo e Filosofia* (KORSCH, 2008). Korsch na sua resposta, de 1930, a seus críticos: “Estado atual do problema (Anticrítica)”, destacava que o aparecimento do seu livro e o de Lukács desencadearam uma acirrada polêmica e uma divisão entre duas diferentes tendências que foram nomeadas: comunistas ou marxistas russos e comunistas ou marxistas “ocidentais”.

Korsch expõe nos termos seguintes a referida divisão:

Desde a sua publicação, os estudos de György Lukács sobre a dialética marxista, assim como a primeira edição de *Marxismo e Filosofia*, encontraram uma recepção extraordinariamente hostil na imprensa russa e comunista de todos os países. (...) A direção do Partido Comunista Russo empreendeu, sob a palavra de ordem de “propaganda do leninismo”, a “bolchevização” ideológica de todos os partidos não russos vinculados à Internacional Comunista. O elemento central, o núcleo dessa ideologia “bolchevique” era uma *ideologia estritamente filosófica* que se pretendia a restauradora da verdadeira e autêntica filosofia marxista e tentava, nesta condição, enfrentar-se com todas as outras tendências filosóficas no interior do movimento operário moderno. (KORSCH, 2008, p.95-96)

E, dando continuidade, no parágrafo seguinte conclui:

Esta *filosofia marxista-leninista* que se propagava para o Ocidente encontrava nos meus textos, nos de Lukács e de outros comunistas “ocidentais” uma *tendência filosófica antagônica, no próprio seio da Internacional Comunista*; aí colidiram, de fato, as duas tendências revolucionárias surgidas no pré-guerra da Internacional Socialdemocrata e que, na Internacional comunista, apenas aparentemente tinham se unificado. Os debates entre estas duas tendências

havam incidido até então apenas sobre questões políticas e táticas; agora, pela primeira vez, elas se enfrentavam num debate diretamente filosófico. (KORSCH, 2008, p.96)

Entretanto, como observa o mesmo autor, se estes debates, em razão das polêmicas travadas entre as diferentes frações no interior do PCUS, passaram temporariamente para um segundo plano, eles trouxeram um importante elemento:

No entanto, aquele confronto teve uma significação transitória não negligenciável no quadro do desenvolvimento geral, constituindo a primeira tentativa para romper a “impermeabilidade recíproca” que até então reinara entre as ideologias respectivas dos comunismos russo e ocidental, de acordo com as palavras de um crítico russo excepcionalmente bem informado sobre a situação teórica nos dois campos. (KORSCH, 2008, p.96)

Korsch retornará ainda, sucessivamente, a esta mesma oposição. Por exemplo, em sua resenha de 1938, ao livro de Anton Pannekoek *Lenin filósofo* afirma:

(...) Transcorreu um longo período até que os dois campos desta luta mundial, que opõe os marxistas radicais do ocidente aos bolcheviques russos, descobrissem que suas oposições políticas, táticas e organizativas se originavam em última instância de princípios mais profundos não levados em conta até agora no ardor do combate. Estas oposições não podiam clarificar-se sem um retorno a esses princípios filosóficos fundamentais. (KORSCH, 1973, p.150)

O momento sucessivo na história da constituição e difusão destes conceitos será o livro do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty *Les aventures de la dialectique* publicado em 1955. Desde o seu prefácio, o autor destaca a mesma oposição entre um marxismo no ocidente e um marxismo russo:

Sempre é que desde 1917, contra a filosofia sintética do marxismo de língua alemã (Lukács, Revai, Fogarassi e Korsch) se esboça um marxismo das antíteses do qual os livros filosóficos de Lenin são o modelo. E esta persistência das antinomias na filosofia comunista reflete sua persistência na ação. (MERLEAU-PONTY, 1955, p.12)

Merleau-Ponty dedicará dois capítulos para desenvolver esta antinomia entre o “marxismo de influência weberiana” do filósofo húngaro Lukács e o “marxismo-leninismo” que encontraria os seus fundamentos no *Materialismo e Empiriocriticismo* de Lenin e analisar os seus seus desdobramentos; enquanto o Capítulo II está intitulado “O marxismo

‘ocidental’” (MERLEAU-PONTY, 1955, p.43-80), o Capítulo III leva o nome “Pravda” (MERLEAU-PONTY, 1955, p.81-99).

Merleau-Ponty, no início do terceiro capítulo, retomando as referências acima citadas de Korsch observa:

A tentativa de Lukács foi muito mal recebida pela ortodoxia. Os “marxistas-leninistas” em particular consideraram, imediatamente, como uma revisão e uma crítica do marxismo, um livro que queria somente desenvolver a dialética marxista. (...) Seus adversários não estavam errados em opor como inconciliáveis as ideias filosóficas de Lenin e aqueles que se eles mesmos chamavam, segundo Korsch, o “marxismo ocidental”. (MERLEAU-PONTY, 1955, p.81-82)

Apenas alguns anos após, em 1958, é publicado o livro de Herbert Marcuse *Soviet Marxism. A critical analysis* (MARCUSE, 1969), a partir do qual o conceito de marxismo soviético vai ganhar uma grande difusão. Logo nas suas primeiras páginas Marcuse expõe “os pressupostos da sua investigação”:

Que o marxismo soviético (isto é, as tendências leninistas, stalinistas e pós-stalinistas) não constituem uma ideologia promulgada pelo Kremlin para racionalizar e justificar sua política, senão que, através de diferentes formas, expressa a realidade da evolução soviética. Se esta suposição é certa, então a extrema pobreza e inclusive falta de probidade da teoria soviética não invalidará sua importância, senão que proporcionará uma chave para explicar os fatores geradores de deficiências teóricas evidentes. (MARCUSE, 1969, p.7-8)

Marcuse caracteriza nos termos seguintes o surgimento do marxismo soviético: “a formação da teoria marxista soviética procede da interpretação leninista do marxismo, sem relação direta com a teoria marxista originária.” (MARCUSE, 1969, p.45)

Alguns anos depois em 1963, por ocasião da tradução francesa, Marcuse reafirma, em linhas gerais estas suas concepções: “Na minha opinião, esta edição francesa que aparece seis anos após a primeira edição americana, não necessita nenhuma modificação”. (MARCUSE, 1963, p.9)

Desde então, ao longo das décadas seguintes, a dualidade entre os conceitos de marxismo soviético, marxismo oriental e o conceito de marxismo ocidental encontraram uma grande difusão e seu uso acrítico se tornará um consenso no interior de diferentes correntes marxistas e marxólogas.

A aguda presença deste confronto, pode ser observado, por exemplo nas seguintes palavras de Jürgen Habermas escritas em 1957:

Antes de reconduzirmos a discussão presente sobre Marx e o marxismo às suas bases, façamos referência aos dois motivos que foram seu ponto de partida. O primeiro é, ainda, a publicação dos chamados *Manuscritos econômico-filosóficos*, trabalho sobre “economia política e filosofia” com o qual Marx, em 1844 durante seu exílio parisiense, esboçou seu sistema da alienação tal como ficou conhecido posteriormente. O segundo motivo é a realidade política que o comunismo instaurou no Estado de Lênin e em seus satélites, e a ameaça para o mundo ocidental que, desde a vitória de 1945, parece surgir dele. (HABERMAS, 2013, p.579)

É importante destacar, também, o conhecido livro de Perry Anderson *Considerations on Western Marxism*, publicado em 1976, aonde a diferença entre “marxismo ocidental” e “marxismo oriental” é um pressuposto. Referindo-se a consolidação de Stalin no poder na União Soviética observa Anderson:

O marxismo estava, em grande medida, reduzido a uma simples recordação na Rússia quando Stalin atingiu seu apogeu. O país mais avançado do mundo no desenvolvimento do materialismo histórico, que havia superado toda a Europa pela variedade e vigor dos seus teóricos, foi transformado, em uma década, numa atrasada terra de semianalfabetos, notável apenas pelo rigor de sua censura e pela cruza de sua propaganda. (ANDERSON, 1989, p.41-42)

Entretanto, o caráter ainda mais arbitrário destas distinções podem ser observados no verbete “marxismo na Europa Oriental” escrito por Andrew Arato, para o *Dicionário do Pensamento Marxista* de Tom Bottomore:

A história do marxismo no Leste europeu como um campo de produção dotado de perfil próprio começa com a integração dessa região no bloco soviético. Em período anterior, as obras de algumas importantes figuras originárias de países da Europa Oriental de hoje, ou que neles residiram e produziram, deve ser associado à história do marxismo soviético (por exemplo, Dmitrov, Varga, Lukács entre 1930 e 1945) ou ao que Merleau-Ponty chamou de marxismo ocidental (por exemplo, Lukács entre 1918 e 1929, Bloch). De um modo análogo, se bem que mais controverso, somente abordagens não-ortodoxas pertencem ao que aqui se entende como esse campo de produção teórica: a ortodoxia do período pós-1945 (seu conteúdo, fases de desenvolvimento e função social) prende-se à carreira do marxismo *soviético na Europa Oriental*. Finalmente, o marxismo iugoslavo, embora geograficamente localizado nessa região, pertence intelectualmente, em sua maior parte, ao corpo de pensamento marxista ocidental. (ARATO, 1988, p.246)

Após esta breve reconstrução da história dos conceitos de “marxismo soviético” e “marxismo oriental”, procuraremos sucintamente indicar que estas generalizações conceituais possuem um caráter arbitrário e constituem, como já observamos, um obstáculo para uma compreensão histórica da tradição marxista no século XX. Segundo nossa opinião, estas tentativas de conceptualização acabam recaindo, com diferentes intensidades, em distintos argumentos equivocados – quando não simplesmente desqualificatórios - que tendem a identificar o todo pela parte e sucessivamente utilizar o conceito, para caracterizar o conjunto das manifestações teóricas que corresponderiam a realidade analisada. Este procedimento permitiria, desta maneira, identificar o conjunto da produção, com uma homogeneização teórica, com os diferentes manuais de divulgação que assumiram uma forma escolástica na qual a citação das “autoridades teóricas” se transformava em um verdadeiro ritual, assim como, com os diferentes procedimentos burocráticos e administrativos para solucionar os debates teóricos.

Procuraremos abaixo demonstrar que a existência de uma diversidade, tanto ao longo da história, como também temática torna problemático o emprego de tais conceitos generalizadores para caracterizar as referidas realidades teóricas.

Uma primeira observação, que indica a complexidade da realidade em questão, nos remete a necessidade de uma análise menos esquemática e simplificatória dos diferentes períodos da produção teórica marxista na URSS e posteriormente nos diferentes países da Europa Oriental. Esta referida diversidade se manifesta na existência de diferentes períodos históricos diferenciados no desenvolvimento do marxismo na URSS. A homogeneização, muitas vezes subjacente, a estes conceitos leva a identificar o marxismo soviético com a corrente teórica oficial constituída na URSS nos anos 1930 e consagrada posteriormente com o opúsculo de J. Stalin: *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*; esquecem, portanto, muitas vezes, a diversificação teórica e os importantes debates filosóficos que ocorreram na URSS, tanto na década de 1920 entre mecanicistas e os dialéticos, como também nos anos sucessivos a morte de Stalin e as transformações sucessivas ao XX Congresso do PCUS, que estendeu-se igualmente aos países da Europa Oriental.

As referidas insuficiências conceituais e metodológicas, já apontadas acima, tornam-se ainda mais visíveis se estendermos nossa análise aos anos sucessivos ao XX Congresso do PCUS e aos diferentes países da Europa Oriental (aliás a própria Europa

Oriental, com suas distintas tradições históricas –e, filosóficas - dificilmente poderiam ser compreendidas como um todo homogêneo). Foi no interior de um processo de crítica à síntese filosófica anterior e de diferenciação teórica que gradualmente surgiram diferentes correntes filosóficas concorrentes, assim como, importantes nomes e obras filosóficas marxistas no leste europeu. Para citarmos apenas alguns nomes, até os anos 1970, poderíamos enumerar: Mikhail Lifschitz, Evald Ilyenkov e Viktor Vazyulin na União Soviética; György Lukács e a sucessiva cristalização de toda uma escola a ele filiada; Karel Kosik e Jindrich Zeleny na Tchecoslováquia; na Polônia as correntes dos filósofos científicos e filósofos antropológicos; o grupo Praxis (Gajo Petrović e Mihailo Marković, entre outros) na Iugoslávia e Wolfgang Harich na RDA.

Esta diferenciação, cronológica, de correntes, temática, e por outro lado, de nomes destacados, são uma clara indicação que toda tentativa de reconstrução histórica que procure agrupar a produção na antiga URSS e dos países da Europa Oriental, em torno de conceitos como o de “marxismo soviético” ou de “marxismo oriental”, contrapondo-os a um não menos imaginário “marxismo ocidental”, constituem um obstáculo teórico para compreender a história do marxismo no século XX.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ARATO, Andrew. Marxismo na Europa Oriental. In: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Penamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988.

ARATO, Andrew e BREINES, Paul, **El joven Lukács y los orígenes del Marxismo Occidental**. México: FCE, 1986.

BAL, Karol. Rozwój radzieckich badań hegloznawczych. Główne etapy dyskusji wokół filozofii Hegla w ZSSR. In: **Acta Universitatis Wratislaviensis**. N. 353 – Prace Filozoficzne XXI, Wrocław, 1977.

CERRONI, Umberto. Note sul materialismo dialettico soviético. In. CERRONI, Umberto. **Materialismo Storico e scienza**. Lecce: Milella, 1976.

COSTA NETO, Pedro Leão da. Crítica ao conceito de marxismo ocidental. In. **Crítica Marxista**, n. 38, São Paulo, 2014.

FEHÉR, Ferenc. Marxismo Soviético. In: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Penamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988

FETSCHER, Iring. **II Marxismo Storia Documentaria**. Vol. I. Milão: Feltrinelli, 1969.

FETSCHER, Iring. **Karl Marx e os Marxismos Da filosofia do proletariado à visão proletária do mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GOMES, Luís Rafael. **A História não é a Avenida Nevsky** (Apresentação da obra de V.A. Vazyulin). Disponível em: <http://www.ilhs.tuc.gr/pt/Nevsky.htm#_ftnref10>. (Acessado em 15/09/2014).

HABERMAS, Jürgen. Adendo Recensão bibliográfica sobre a discussão filosófica em torno de Marx e do marxismo (1957). In: HABERMAS, Jürgen. **Teoria e Práxis Estudos de filosofia social**. São Paulo: Unesp, 2013.

KEDROV, Boniface. **Dialectique. Logique, Gnoséologie: Leur Unité**. Moscou: Editions du Progrés, 1970.

KOŁAKOWSKI, Leszek. **Główne Nurty Marksizmu** Volume III: Rozkład, Varsóvia: Wydawnictwo Krąg / Pokolenie, 1989.

KORSCH, Karl. La filosofía de Lenin, In: Anton Pannekoek, **Lenin Filósofo**, Buenos Aires: Cuadernos de Pasado y Presente nº 42, 1973.

KORSCH, Karl. **Marxismo e Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

LABICA, Georges. **Dopo Il marxismo-leninismo** (tra ieri e domani). Roma: Edizioni Associate, 1991.

LUKÁCS, Georg. **Pensamento vivo: autobiografia em diálogo**. São Paulo/Viçosa: Ad Hominem/UFV, 1999.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCUSE, Herbert. **Le Marxisme Soviétique**. Paris: Gallimard, 1963.

MARCUSE, Herbert. **El Marxismo Soviético**. Madri: Alianza, 1969.

MARKUS, György. Discussões e Tendências na Filosofia Marxista. In: MARKUS, György. **Teoria do Conhecimento no Jovem Marx**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974

MEJBAUM, Waław. **Materializm subiektywny**. Zarys epistemologii marksistowskiej. Wrocław: Atut, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Les Aventures de la Dialectique**. Paris: Gallimard, 1955.

PAGANINI, Gianni. La filosofia negli altri paesi europei In: DAL PRA, Mario. **Storia della filosofia, Vol. X. La filosofia contemporanea: il Novecento**. Milano: Vallardi, 1978.

PIETRANERA, Giulio. La Estructura lógica de El Capital. In ARICÓ, José. **Estudios sobre El Capital**, 4 ed., México: Siglo XXI, 1977.

SAGNOL, Marc. Diachronie et synchronie dans la ‘Critique de l’économie politique’ (A propos de la problématique ‘historique / logique’ dans les *Grundrisse* et da sa réception en Union Soviétique). In. **LABICA**, Georges. *1883 – 1983 L’Oeuvre de Marx un siècle après*. PUF: Paris, 1985.

SZABÓ, Tibor. La Scuola di Budapest e la Scuola di Lukács. In: SZABÓ, Tibor. György **Lukács Filosofo autônomo**. Napoli: La Città del Sole, 2005.

VRANICKI, Pedrag. **História del Marxismo**, Vol. 2. Salamanca: Sigueme, 1977.

ZAPATA, René. **Luttes Philosophiques en U.R.S.S. 1922-1931**. Paris: PUF, 1983.